

POLÍTICA ECONÔMICA

Crédito para comércio exterior deve aumentar

Para banqueiro, acerto com credores pode fazer volume de empréstimos para exportação e importação saltar para US\$ 16 bilhões



O acordo da dívida com os bancos deverá aumentar as linhas de crédito para comércio exterior do País, afirma Georges Chaix, diretor superintendente do Banco Francês e Brasileiro (BFB). Segundo Chaix, o volume de empréstimos para exportação e importação deve saltar dos atuais US\$ 12 bilhões para até US\$ 16 bilhões, um dos maiores já obtidos pelo País. O BFB já está recebendo ofertas de novas linhas de bancos internacionais.

Além do maior volume, Chaix prevê também um alongamento dos prazos das operações, dos atuais 90 a 180 dias para um ano. Com a maior oferta, o custo das linhas também cairá, como ocorreu em outros países. "Hoje, por exemplo, o Chile paga Libor mais 0,5% para financiar seu comércio exterior, enquanto o Brasil paga de 1,5% a 2% acima da Libor, quatro vezes mais" afirma. O resultado final será um ganho substancial para as empresas brasileiras, que poderão exportar mais e a um custo menor, explica Chaix. O BFB, afirma, pretende ampliar seu volume de comércio exterior, de US\$ 750 milhões, para US\$ 1 bilhão até o final do ano.

O acordo deverá permitir também a assinatura de acordos bilaterais entre o Brasil e outros países. Com isso, devem ser reabertos os financiamentos ao Brasil, afirma Chaix. "Vamos ver o Japão, por exemplo, reativar os fundos criados para investimentos no Brasil", diz. As novas linhas, acredita Chaix, vão permitir a retomada de investimentos em infraestrutura, como transporte, energia e telefonia. No caso específico da França, Chaix diz que há especial interesse nos setores de serviços, como saneamento básico, coleta de lixo e transportes, além do automobilístico.

O aumento das linhas de crédito de financiamento à exportação começou antes do fechamento do acordo, quando o País começou a definir suas propostas, afirma Alcides Amaral, vice-presidente do Citibank e um



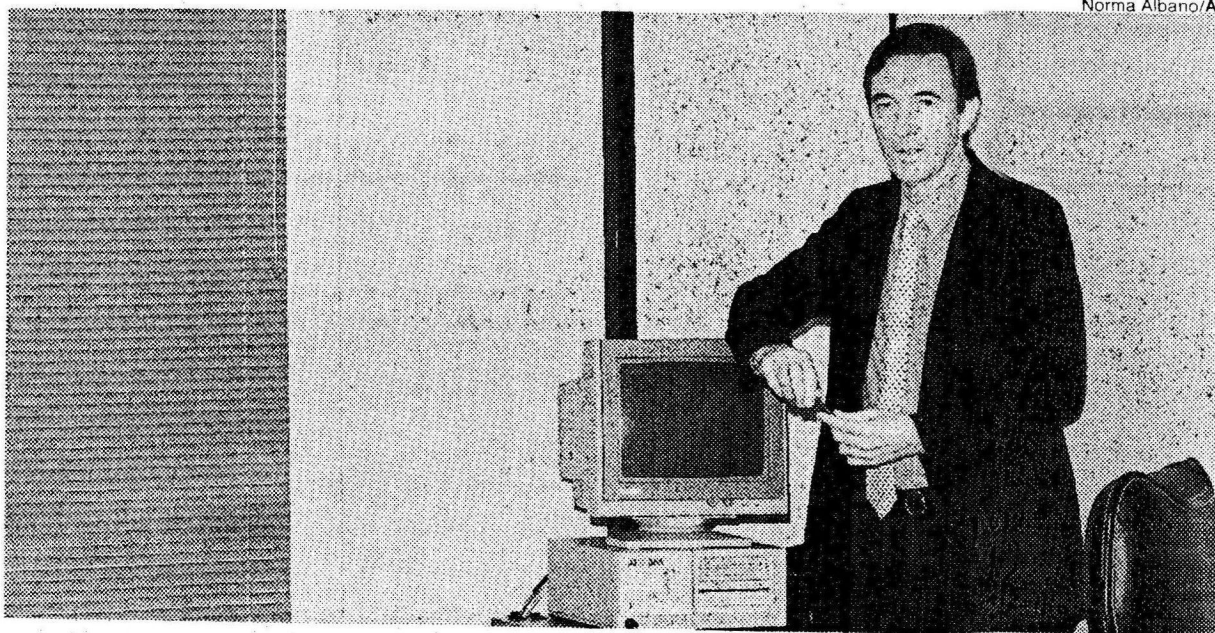
Georges Chaix

País pagará menos por créditos internacionais

dos responsáveis pela negociação, uma vez que o Citi é o coordenador do comitê assessor dos bancos. Segundo Amaral, o volume de linhas havia caído para US\$ 9 bilhões no início de 1991, com o fim do projeto 3, o acordo que obrigava os bancos credores a financiar o comércio exterior. As negociações fizeram o volume voltar a crescer, até os atuais US\$ 12 bilhões. "Agora, deve ocorrer um alongamento ainda maior e um crescimento do volume com a queda dos spreads", afirma Amaral.

O Citi, que administra uma carteira de comércio exterior de US\$ 900 milhões, US\$ 450 milhões de recursos próprios, ampliou seu volume de empréstimos em US\$ 85 milhões no mês passado. "A partir dessas mudanças, o Brasil tem condições de dobrar o seu comércio exterior em poucos anos."

Eurobônus — As negociações favoreceram também a captação de recursos no Exterior via eurobônus ou investimentos em bolsas de valores, segundo Amaral. Deve se repetir no Brasil o que já ocorreu com outros países que fecharam acordos semelhantes. No México, por



Norma Albano/AE

Alcides Amaral

Com mais crédito, o Brasil poderá dobrar seu volume de comércio exterior

exemplo, há cinco ou seis anos, os primeiros bônus emitidos pagavam 6% a 7% acima da Libor. Quando o Brasil entrou no mercado, no ano passado, começou pagando menos, 5% acima da libor. Amaral reconhece que, no início, o aumento se dará com base em recursos de curto prazo. Mas a medida que o acordo for completado, os prazos se alongam e os custos diminuem. Amaral acredita que talvez já no ano que vem, comecem a ocorrer investimentos industriais, de mais longo prazo.

"É bom que o processo seja lento", afirma Amaral, dando o exemplo das bolsas. O ideal, para ele, é que o investimento venha para novos lançamentos de ações, para investimentos, não para comprar papéis que já estão no mercado. O volume que pode ser obtido, diz Amaral, é imenso. Há fundos de pensão que giram mais de US\$ 100 bilhões. "Se um desses fundos decide botar 5% no Brasil, são US\$ 5 bilhões, é dinheiro que não acaba mais", comenta. Há ainda a alternativa dos lançamentos de ADR, a emissão de ações de uma empresa no Brasil e sua negociação, por certificados, no Exterior.